

GISELLE RODRIGUES

CAMPO LARGO

Sobre o gramado da Esplanada, corri na hora do pôr-do-sol. O volume do meu corpo alcançou dimensões imensas, atingiu novos domínios, incorporou movimentos impossíveis de sentir em outra cidade que não me oferecesse esses espaços, essas formas, esse contraste entre leveza e peso. Rolei meu corpo no verde dessa grama e perguntei: onde estão as pessoas desta cidade?

A visão da imensidão do céu acelerou um processo de interiorização que se traduziu em pressão e depressão, liberdade e angústia. Uma necessidade de expansão do corpo, de explosão do movimento. É tão intenso esse sentimento que, quando me vejo nos espaços vazios de Brasília, tenho vontade de correr. Só correndo, sinto plenamente a existência de meu corpo nesta terra de concretos e verdes. Só correndo, sinto o pulsar do sangue nas veias e a cidade em movimento, em vida. A garganta seca, o vento enrugava a pele e descolore o cabelo.

Resgato aquele momento na Esplanada, quando a juventude pulsava em mim e dançávamos nos monumentos para programa de tevê. Esperança, brilho diferente, tudo muito novo, fresco, cidade criança. Era assim que o Luiz, nosso coreógrafo louco e apaixonado, identificava-se com ela: tudo ainda por fazer. E ali, paradoxo entre a expressão orgânica dos corpos e o chão duro; entre o céu de puro azul e paz e os movimentos violentos de uma dança contemporânea, crescíamos livres nesse espaço de poder, espaço de decisão. Mal sentíamos a impossibilidade de vencer a velocidade das coisas.

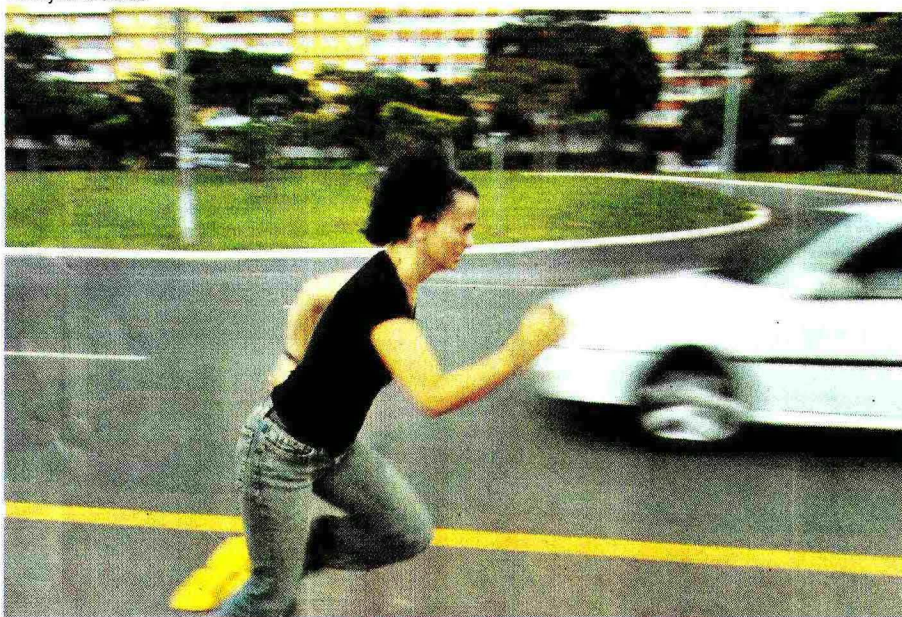
O tempo passou, outras imagens surgem agora quando me encontro sozinha. O corpo absorve e reflete as minhas experiências de vida. A cidade do jeito que foi construída e concebida me fez saber que não há limites para observar, não há limites na liberdade de um artista para criar. A vida marcou meu corpo, me fez dançar. Mas ainda se faz presente a secura do ar, os desejos, os pensamentos. Percebo, sobre a minha pele, os sentimentos que afloram do interior e colam em mim como uma tatuagem. Brasília foi invadida, pulou uma etapa no crescimento, teve que ficar adulta, cara de metrópole que contamina as relações: no carnaval de 1983, eu pegava carona na rua; hoje meu filho não vai para escola sozinho.

Passei pelas pilstras da Rodoviária e lá vi gente andando, sons e luzes, sons e luzes. Aproximo-me desses corpos? Fiquei ilhada na minha sensação. Só o olho captava. Jovens, mendigos, trabalhadores exilados da política e, no semáforo, um pedinte exilado político com uma coluna vertebral de papelão colada ao corpo. No carro, me isolo da cidade, perco a referência de sociedade. Meu corpo fica pequeno demais, meu movimento fica sem opção. Sou burguesa.

Tenho medo de bares lotados e da violência noturna, de garotos que gritam e se enfrentam na madrugada por saquinhos de cocaína e pílulas de ecstasy. Essa cidade é um tanto selvagem! Corpos em busca da fantasia, em busca do místico, da alucinação, da reza, da fé, do extravasamento do corpo. Também, às vezes, tenho vontade de me rasgar, experimentar o infinito, o não-limite do corpo.

Brasília, lugar de artista que vive de cachê simbólico, é cidade que me lança num espaço de abismo. Cidade de ventre escorregadio de onde muitos filhos nascem e daqui se vão em busca de outros mundos, de outras trocas para, mais tarde, amadurecidos, retornarem à terra natal e, juntos, com ela, construir futuros mais promisso-

Fotos: José Varella/CB



res. O povo daqui não tem jeito, nem trejeito – corpo quase inóspito, corpo a explorar, traz a mania de fora, de prédio espelhado a outdoors em inglês. Do lado de lá, poeira da Estrutural. Crianças tocam meu corpo e me tratam como artista, mas eu sou só gente. Ainda posso fazer muito pra essa gente? Árida e viva. Cheiro de corpo diferente, cheiro de pele, suor da infância, e aqui, eu como artista, me sinto ilhada novamente e sem lugar para me apoiar.

Que cidade é esta? De luas estonteantes e ponte de cinema, que me faz pensar na vida de forma meditativa enquanto olho contrastes. Volto para o meu espaço interior e percebo que a forma para me comunicar é por meio do meu próprio corpo, do movimento que ele pode produzir impregnado de muitas emoções, sentimentos, sensações e da relação entre o espaço real e o virtual, onde a coreografia que produzo se confunde com a cidade que percebo.

Coreógrafa e diretora do baSiraH — Núcleo de Dança, a goiana Giselle Rodrigues, 40 anos, está à frente de uma das mais promissoras companhias de dança contemporânea do país. O grupo acabou de estreitar o último espetáculo, 2, e tem trajetória de 10 anos, com montagens elogiadas em festivais nacionais, a exemplo de Uruboros e De água e sal. Foi também coreógrafa e bailarina do histórico grupo Endança.